

VERBOS EXISTENCIAIS: TER/HAVER

Alessandra de Azevedo Costa

Daglécia dos Santos Pinto

Gisélia Evangelista Sousa

Josenilto Andrade Reis

Priscila Reis Brito Bizerra¹

alessandra.costa@pro.unifacs.br

daglecia.pinto@pro.unifacs.br

giselia_hct@hotmail.com

josenilton@msn.com

prireis12@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, buscou-se verificar se o uso dos verbos com sentido de existir segue as prescrições normativas. Para embasamento teórico, adotou-se a teoria da variação, a sociolinguística e a gramática normativa. Foram analisados 22.500 tokens de textos formais e 22.500 tokens de textos informais, verificando os fatores condicionadores do uso de cada uma das formas verbais e apresentando a análise quantitativa das amostras encontradas. Pode-se concluir que o nível de formalidade da língua é o maior condicionador da escolha entre as duas formas existenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos existenciais; textos formais; textos informais.

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa apresenta uma grande diversidade em nível regional, dialetal, social, entre outros. Em se tratando da variação social, algo notório é o uso de verbos que indicam existência. A norma padrão imposta pela Gramática Tradicional (GT) normatiza que o verbo “haver” pode ser utilizado no sentido de existir, sendo, neste caso, um verbo impessoal. No entanto, o verbo “ter” no sentido de existir já se encontra consagrado pelo uso na fala coloquial de muitos brasileiros, até mesmo na fala de brasileiros escolarizados. O objetivo deste trabalho é verificar até que ponto esse fenômeno acontece na escrita.

¹ Graduados em Letras com Inglês – Licenciatura plena – pela Universidade Salvador – UNIFACS. E pós-graduandos em Gramática e Texto pela Universidade Salvador – UNIFACS.

Nesta pesquisa, buscamos expor as diferenças entre essas duas variantes e verificar se as formas existenciais dos verbos em estudo obedecem ao que prescreve a GT. Para tal verificação, buscamos comparar o uso da forma existencial destes verbos em textos formais — retirados de artigos e ensaios de jornais e revistas virtuais — e informais — retirados de páginas de blogs com depoimentos pessoais. Os resultados da análise serão computados e apresentados em gráficos a fim de mostrar as semelhanças e diferenças de usos nos dois tipos de registro.

A importância desse trabalho se deve ao fato de, como professores de língua materna, lidamos diretamente com a diversidade linguística em sala de aula, sendo necessário promover o respeito às diferenças e a aceitação da forma de se comunicar e expressar do outro como veículo de sua identidade e cultura, não atribuindo valores ou preconceitos a uma ou outra variante. Sabemos que a língua serve apenas a um objetivo: comunicar, pois segundo Tarallo (1986: 19):

Língua é o veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos, ou seja, é o veículo de comunicação usado em situações naturais de interação social e é comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade.

Dessa forma, deve-se considerar o ensino da língua portuguesa como ensino de língua materna, buscando uma prática reflexiva sobre os usos das variedades padrão e não-padrão, aplicando a teoria da variação no ensino de língua portuguesa. É necessário que o ensino das variações linguísticas não caracterize o abandono do ensino da norma culta, e sim uma nova abordagem do estudo das línguas, sem cair nas malhas do preconceito linguístico. Conforme Calvacante (2000: 133), se fizermos assim

não somente estamos enriquecendo o dialeto dos alunos, mas também aumentando o leque de suas possibilidades linguísticas, que associadas aos seus contextos de uso podem tornar esses alunos usuários muito mais conscientes e competentes quanto aos diversos usos da língua.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Objetiva-se, neste item, mostrar como os verbos “ter” e “haver” são descritos e/ou prescritos em construções existenciais tanto pela tradição gramatical, quanto pelos estudos sociolingüísticos. A partir dessas abordagens procura-se demonstrar a distância existente entre as perspectivas normativas e a descritiva.

1.1 A PERSPECTIVA NORMATIVA

Considerando o que diz Travaglia em (2003: 30)

A gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas escritas do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira.

podemos afirmar que nessa perspectiva, a língua é descrita na variedade dita padrão, o modelo único a ser seguido por todos os falantes, sendo todas as outras formas de uso da língua consideradas como desvios e degenerações dela.

Assim sendo, ao se analisar o comportamento variável dos verbos “ter” e “haver” com sentido de existir, percebe-se que, de um modo geral, o verbo “haver”, na acepção de existir, constitui o padrão de referência de uso “correto” da língua e a variação que ocorre com o verbo “ter” é considerada uma incorreção na língua padrão.

De acordo com diversos gramáticos, o verbo “haver” em orações equivalentes às formadas com existir seguidas de objeto direto e que denotam a existência de uma pessoa ou coisa, comporta-se como um verbo impessoal sendo empregado sempre na 3ª pessoa do singular. Exemplificando:

- (1) Há um garoto na piscina.
- (2) Havia muitos gatos na cozinha.

Quanto ao uso do verbo ter Almeida (1999: 242) afirma que “dos quatro verbos auxiliares, somente ter não pode ser impessoal”, e ainda assevera que a sua utilização no sentido de existir “constitui erro grave, e todo possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo ter com a significação de existir”.

No entanto, os gramáticos Cunha e Cintra (2001: 131) apontam para seu uso na linguagem coloquial e o seu emprego como impessoal à semelhança de haver, citando escritores como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Vejamos:

- (3) Hoje tem festa no brejo! (C.D. de Andrade)
- (4) Tem um processo seguro... (M. Bandeira)

Apesar de admitirem a frequência de uso de “ter” por “haver”, os gramáticos salientam que a ocorrência é maior na conversação e explicam que tal emprego se trata de uma incorreção na língua culta, devendo, portanto, ser evitada.

Concluimos que apesar da variável “ter” ser amplamente utilizada pelos falantes cultos da língua nas orações com sentido existencial, as gramáticas não indicam seu uso, principalmente na língua escrita. Seu uso é identificado e mais restrito à língua falada.

1.2 A PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA

Contrapondo as abordagens da GT, as pesquisas sociolingüísticas vêm demonstrando que “ter”, tanto na língua falada quanto na língua escrita, ocorre em construções existenciais e que a sua substituição por “haver” é um processo em estágio avançado, dependendo obviamente da escolarização e da origem social do falante.

Esse processo é confirmado por Franchi *et al.*(1998: 106) ao dizer que:

A distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com ter sobre haver e existir [...]. O ainda relativamente alto percentual de construções existenciais com haver não condiz com a observação de outros autores [...] de que seu emprego é muito raro, se não inexistente, na língua oral coloquial.

A partir de pesquisas, como a do Projeto NURC² é possível notar um alto percentual de uso de “ter” existencial na norma culta do Português do Brasil, o que evidencia a mudança que está ocorrendo e contraria a abordagem da GT que aceita apenas o verbo “haver” com sentido de existir.

A mudança que vem ocorrendo torna-se notória principalmente na língua falada e o uso do “haver” existencial também vem diminuindo na língua escrita. Neste sentido, Callou e Avelar (2000), em seus estudos, apontam que já é possível formular a hipótese de que, no português brasileiro, a criança só adquire o verbo “haver” com sentido de existir durante o aprendizado escolar. Avelar (2006: 72) assevera:

A permanência deste verbo em alguns contextos deve provavelmente estar condicionada, dentre outros fatores, ao processo de aquisição da escrita, em que se

² O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta criado em 1969, tinha inicialmente o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Disponível em <<http://www.ufpe.br/pgletras/programa-nucleos-nurc.htm>>. Acesso em 04 jun 2010.

valoriza um padrão no qual as existenciais sejam construídas da mesma forma que no português europeu.

Diante do acima exposto, podemos verificar que as pesquisas sociolinguísticas apontam para uma mudança em processo que favorece o uso do verbo existencial “ter”, portanto, é importante estar atento para o fato de que a língua “tanto falada quanto escrita, não é homogênea e se presta a numerosas variações de usos” (MOURA, 2000: 11).

Dessa forma, verificamos que ensinar língua portuguesa num contexto de variação é um grande desafio para os profissionais de educação. Cabe à escola transmitir aos estudantes a norma padrão da língua, visto que eles trazem do seu convívio familiar a língua materna que é bastante distinta da norma padrão. Devido a isso, é muito comum ouvir professores dizendo que os estudantes não sabem português e estudantes dizendo que português é a língua mais difícil do mundo, são dois dos mitos citados por Bagno (1999).

Por isso, muitos estudantes questionam a validade de se estudar a norma padrão, sobretudo, a GT, acham-na distante de sua realidade e, portanto, inútil. Os professores percebem que o modelo de gramática ensinado nas escolas não corresponde à gramática da língua efetivamente usada pelos alunos, aproximando-se mais de um português europeu, do que do português brasileiro falado no nosso contexto social, comprometendo o ensino e o aprendizado da língua.

É urgente ainda que a formação do professor considere os aspectos variáveis da língua, pois além do ensino da norma padrão, os professores devem mostrar aos estudantes a necessidade de adequação da linguagem ao contexto sócio-comunicativo em que estão inseridos. Nesta perspectiva, trabalhos como este visam a revelar as faces do português que devem ser ensinadas e/ou analisadas em sala de aula.

1.2.1 ASPECTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A língua, segundo Saussure (2006: 22) é um fator social, que possui uma estrutura interna única, homogênea, comum a todos os falantes, enquanto a fala é um ato individual e, portanto, heterogêneo. Saussure dedicou-se ao estudo da estrutura interna das línguas naturais. Foi na década de 60 que o linguísta americano William Labov dedicou-se a estudar o componente social da língua, a fala e seus aspectos variáveis (TARALLO, 1986). Essa maneira de estudar a língua denominou-se Sociolinguística, o que seria uma espécie de relação entre indivíduo-língua-sociedade. Apesar de o sistema linguístico ser homogêneo, há diferentes formas, sobretudo na fala, de se dizer a mesma coisa. A essas diferentes formas,

que Labov chamou de variáveis, ele dedicou seu estudo. Labov estudou, a partir de pesquisas e investigações empíricas, as variações e mudanças fonéticas no inglês considerando aspectos extralinguísticos, tais como: faixa etária, classe social, etc. São os fatores internos e externos à língua que determinam as variações. Assim, são fatores que interferem no caráter variável da língua: a região onde é falada, a escolaridade, a faixa etária e o sexo do falante, entre outros. Os estudos sociolinguísticos ou variacionistas buscam sistematizar tais fatores que condicionam os aspectos variáveis. Segundo Tarallo (1986:10), a sistematização consiste no levantamento de dados da língua que reflitam o vernáculo mais fielmente para análise; descrição detalhada da variável juntamente com o perfil de suas variantes; análise dos fatores condicionadores que favorecem o uso de uma variante em relação a(s) outra(s); encaixe da variável no nível linguístico e social; e sua projeção histórica no sistema sociolinguístico da comunidade.

Labov *apud* Monteiro (2000) defende que a língua não deve ser vista apenas com um fator social, assim como foi defendido por Saussure (2006), com o objetivo puro e simplesmente de transmitir informações, mas como um fator de interação social. O mais importante é o indivíduo como participante ativo, capaz de se comunicar com o outro, “interagir” em seu discurso. São essas relações que, para Labov, mudam o comportamento linguístico do indivíduo de acordo com a posição social que o falante ocupa, a escolarização e o nível de linguagem. Portanto, a sociolinguística, hoje, está ligada não isoladamente ao ato de descrever as variedades que existem em uma comunidade de fala, e sim, a um estudo da linguagem em um contexto mais amplo compreendido então como sociocultural e em sua pluralidade.

É baseado nestes princípios que iremos analisar as ocorrências do uso variável dos verbos, buscando identificar os condicionamentos lingüísticos envolvidos.

2. METODOLOGIA

Considerando este modelo de pesquisa, neste trabalho, analisaremos o caráter variável da realização da forma existencial dos verbos: “ter” e “haver” no sentido de existir, a partir de sua ocorrência em um *corpora* formado por textos escritos formais e informais.

O *corpora* da pesquisa consiste em textos escritos formais e informais disponíveis na rede mundial de computadores. Os textos formais utilizados foram coletados de artigos e ensaios de cunho acadêmico e científico disponíveis em jornais e revistas eletrônicos. Os informais compõem-se de depoimentos pessoais coletados em blogs, que devido a sua

natureza, aproximam-se da fala. Os textos foram copiados e analisados, buscando-se verificar as ocorrências dos verbos “ter” e “haver” no sentido de existir e quais os fatores que influenciam diretamente sua realização. Para cada tipo de texto foram recolhidos aproximadamente 7.500 tokens por lauda.

Ao encontrar ocorrências dos verbos existenciais “ter” e “haver”, verificamos qual o tempo verbal em que a variante mais figura. Verificamos também o traço semântico do objeto direto, se +/- humano, para perceber se isto condiciona ou não a relação de uma ou outra variante. A realização ou não da concordância verbal com o objeto direto também foi observada.

Para estabelecer percentuais de uso, dando um tratamento estatístico aos dados, serão apresentadas tabelas com análise dos resultados para a quantificação dos dados, a fim de caracterizar a realização ou não dos verbos “ter” e “haver” no sentido de existir.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise quantitativa dos dados. As ocorrências foram selecionadas de acordo com os fatores condicionadores às duas variantes. Foram analisados aproximadamente 22.500 tokens de textos informais oriundos de blogs e 22.500 tokens de textos formais oriundos de artigos científicos, ensaios, revistas e jornais virtuais.

	FORMAL			
	HAVER		TER	
	Ocor	%	Ocor	%
TOTAL	22	100	0	0

Tabela 1: Distribuição das ocorrências em textos formais

	INFORMAL			
	HAVER		TER	
	Ocor	%	Ocor	%
TOTAL	14	44	19	56

Tabela 2: Distribuição das ocorrências em textos informais

Nas tabelas acima, encontram-se distribuídas as ocorrências dos verbos “ter” e “haver” em textos formais e informais. Observa-se que nos textos formais (tabela 1) não

foram encontradas ocorrências do verbo “ter” no sentido de existir, demonstrando que os textos formais seguem a norma prescrita pela GT, optando pelo uso do verbo “haver”, como no exemplo a seguir (5).

(5) **Há** momentos em que o autor suaviza o perfil radical do personagem.

Enquanto nos textos informais (tabela 2), observa-se o favorecimento da ocorrência do verbo existencial “ter” com 56% (6), demonstrando a interferência da fala na escrita, contrariando a GT.

(6) **Tinha** gente que nem queria sair da festa.

Na tabela a seguir, vejamos qual o comportamento das duas variantes, considerando-se os diferentes tipos verbais

Tempo verbal	FORMAL			
	HAVER		TER	
	Ocor	%	Ocor /	%
Presente do indicativo	16	73	0	0
Pretérito perfeito do indicativo	0	0	0	0
Pretérito imperfeito do indicativo	1	4,5	0	0
Futuro do presente do indicativo	1	4,5	0	0
Futuro do pretérito do indicativo	1	4,5	0	0
Presente do subjuntivo	1	4,5	0	0
Pretérito imperfeito do subjuntivo	1	4,5	0	0
Futuro do subjuntivo	1	4,5	0	0
Imperativo	0	0	0	0
Gerúndio	1	4,5	0	0
Infinitivo	0	0	0	0
TOTAL	22	100	0	0

Tabela 3: Ocorrências de ter e haver em textos formais e seus respectivos tempos verbais

Na tabela 3, observa-se que o presente do indicativo favorece o uso do verbo existencial “haver” nos textos formais (73%), como no exemplo 7.

(7) Não **há** esperança para o pensamento fora de si mesmo.

Em contra partida, no pretérito perfeito do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo e no infinitivo não foram encontradas nenhuma ocorrência do verbo “**haver**” no sentido de existir. Foi encontrada apenas uma ocorrência do verbo “**haver**” no sentido de existir nos demais tempos verbais, vejamos cada uma dessas ocorrências a seguir:

(8) não **havia** uma comunicação regular entre essas regiões.

(9) para sabermos se **haverá** crescimento

(10) então **haveria** uma primeira

(11) A não ser que **haja** mais outro

(12) ao menos seria esperado que **houvesse** uma distribuição mais equilibrada

(13) Enquanto não **houver** atenção para essa realidade

(14) mas, não **havendo** comunicação com outrem

No exemplo (8), vemos a única ocorrência encontrada de pretérito perfeito do indicativo; no exemplo (9), futuro do presente do indicativo; o exemplo (10), futuro do pretérito do indicativo; no exemplo (11), presente do subjuntivo; no exemplo (12), pretérito do subjuntivo; no exemplo (13), futuro do subjuntivo e no exemplo (14), gerúndio.

Tempo verbal	INFORMAL			
	HAVER		TER	
	Ocor	%	Ocor	%
Presente do indicativo	5	36	2	11
Pretérito perfeito do indicativo	5	36	11	61
Pretérito imperfeito do indicativo	2	14	4	22
Futuro do presente do indicativo	0	0	0	0
Futuro do pretérito do indicativo	1	7	0	0
Presente do subjuntivo	0	0	0	0
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0	0	0	0
Futuro do subjuntivo	1	7	1	6
Imperativo	0	0	0	0
Gerúndio	0	0	0	0
Infinitivo	0	0	0	0
TOTAL	14	100	19	100

Tabela 4: Ocorrências de ter e haver em textos informais e seus respectivos tempos verbais

Nos textos informais, nota-se a predominância do pretérito perfeito do indicativo (61%), como no exemplo 15, seguido de pretérito imperfeito do indicativo (22%), exemplo 16, presente do indicativo (11%), exemplo 17, e futuro do subjuntivo (6%), como exemplificado em 18:

(15) **Tinha** muita gente né cara!!!

(16) não **tinha** ninguém.

(17) sabe que percebi que **tem** gente me observando mais do que eu imaginava.

(18) Se alguém puder confirmar a resposta logo abaixo ou **tiver** mais alguma informação sobre este assunto...

	FORMAL				INFORMAL				TOTAL	
	HAVER		TER		HAVER		TER		Ocor	%
	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%		
+ humano	0	0	0	0	0	0	8	42	8	15
- humano	22	100	0	0	14	100	11	58	4	85
TOTAL	22	100	0	0	14	100	19	100	55	100

Tabela 5: Traço semântico do objeto direto

A partir da leitura da tabela 5, é notório que o traço menos humano é fator categórico para o uso do verbo “haver” nos textos formais (19), quanto informais, exemplo 20 (100%).

(19) **Há** momentos em que a sua própria

(20) Se **há** beleza e graça neste Paulistão 2010.

Nos textos informais, o traço menos humano também favorece o aparecimento do verbo “ter” (58%), como exemplificado em 21, contrastando com 42% de ocorrências do verbo “ter” com traço mais humano como exemplificado em 22.

(21) **Tinha** uma casa às vezes dois, três quilômetros longe.

(22) **Tem** muita criançada

	FORMAL				INFORMAL				TOTAL	
	HAVER		TER		HAVER		TER			
	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%		
Com concordância	22	100	0	0	13	93	18	95	53	96
Sem concordância	0	0	0	0	1	7	1	5	2	4
TOTAL	22	100	0	0	14	100	19	100	55	100

Tabela 6: Concordância com o objeto direto

Observando-se a tabela acima, nota-se que todas as ocorrências do verbo existencial “haver” no texto formal seguiam a concordância prescrita pela GT, terceira pessoa, como no exemplo a seguir:

(23) **há** oscilações em mais de 100% nas previsões de um para o outro.

Nos textos informais, 95% das ocorrências seguiram a concordância, como em (24), com exceção do exemplo (25):

(24) Percebi que na minha mão esquerda **havia** dois furos.

(25) ...mas **houveram** contratempos e não fomos.

No caso do verbo “ter”, em textos informais, a concordância do objeto com o verbo é quase categórica (95%).

CONCLUSÃO

Neste artigo, objetivamos constatar se o uso dos verbos que indicam existência segue as prescrições normativas ou não. Nele, verificamos que a tendência do português informal escrito é aderir ao que já está corroborado na língua falada.

Na língua falada, até mesmo de falantes cultos, observa-se a substituição gradual do verbo impessoal “haver” no sentido de existir pelo verbo “ter”. São duas variantes que competem e coexistem na língua falada e, gradualmente, a variante de menos prestígio se insere na escrita de textos informais, passando possivelmente para a escrita de textos formais, a depender do grau de instrução de seus produtores.

Objetivamos também verificar quais os fatores de ordem linguística que privilegiam a ocorrência de uma e outra variante, sendo considerados os tempos verbais, o traço semântico do objeto e a sua concordância com o verbo.

Observamos que nenhum dos fatores condicionadores destacados interfere no aparecimento do verbo “ter” existencial em textos formais já que não foi encontrada nenhuma ocorrência deste nos corpora formal. Todas as ocorrências seguem o que é prescrito pela GT.

O embate entre as duas variantes é mais perceptível nos *corpora* dos textos informais. Apesar de haver favorecimento do “ter” existencial nos textos informais, há quase uma igualdade na porcentagem de ocorrências: 56% de “ter” contra 44% do verbo “haver”. Isso provavelmente se dá devido à natureza dos *corpora* que, apesar de ser informal também é um texto escrito e, por isso, carrega o rigor gramatical desta modalidade da língua.

O tempo verbal que mais favorece a ocorrência do “ter” mostrou ser o pretérito perfeito com um total de 61% das ocorrências. O traço semântico do objeto, menos humano, bem como a concordância do objeto com o verbo mostraram-se determinantes no aparecimento das duas variantes.

Percebemos que o maior condicionador da escolha entre as duas formas existenciais, não são os fatores linguísticos, mas principalmente, o nível de formalidade da língua.

Cabe á escola, abordar a variação na perspectiva da adequação, para que nossos estudantes estejam conscientes de como os diferentes usos linguísticos causam diferentes efeitos e de posse deste conhecimento saibam adequar seus textos, tanto falados como escritos, às situações que exigem a utilização da norma padrão para evitar o estigma social que recai sobre os que não utilizam a norma culta em contextos formais.

Cabe á escola, verificar tal uso e ajudar seus estudantes a adequar seus textos tanto falados como escritos às situações que exigem a utilização da norma padrão para evitar o estigma social que recai sobre os que não utilizam a norma culta em situações formais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
2. AVELAR, Juanito. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. Disponível em <www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll200-juanito.pdf> Acesso em: 10 jun 2010.
3. BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite á pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
4. _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
5. _____. *Nada na língua é por caso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
6. CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. *Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil*. Revista Gragoatá, n. 9, 2000. p. 85-100.
7. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A contribuição da Teoria da Variação Lingüística ao Ensino da Língua Portuguesa. In: MOURA, Maria Denilda; MORAIS, Gizelda. (Org.). *Ler e escrever para quê?* 1 ed. Maceió: EDUFAL, 2000, v. 1, p. 57-70.
8. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A variação linguística e os parâmetros curriculares nacionais. In: MOURA, Maria Denilda (Org.). *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: EDUFAL, 2000.
9. CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2001.
10. FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani de Carvalho. *Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver*. Revista Delta, v. 14, 1998. n. especial, p. 105-131.
11. LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983.
12. LEITE, Yonne; CALLOI, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

13. LUCCHESI, Dante. Norma Lingüística e Realidade Social. In: BAGNO, Marcos. (org.) *Lingüística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
14. MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
15. MOURA, Maria Denilda. Gramática(s) da Língua vs Ensino da Língua Portuguesa. In: MOURA, Maria Denilda; MORAIS, Gizelda. (Org.). *Ler e escrever para quê?* 1 ed. Maceió: EDUFAL, 2000, v. 1, p. 57-70.
16. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
17. TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.
18. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: Ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.

Textos formais:

1. BATTISTELLA, Cheila Mara. *Relação entre filosofia e literatura: um diálogo fundamentado na teoria de Adorno*. Disponível em <<http://www.consciencia.org/adornocheila.shtml>> Acesso em 06 jun 10.
2. D'ANGELO, Martha. *A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin*. Disponível em
3. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100016
4. &lng=en&nrm=isso>. Acesso em 09 jun 10.
5. *DROGAS e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas*. Disponível em < <http://www.consciencia.org/adornocheila.shtml>> Acesso em 06 jun 10.
6. FLESCHE, Nadson. *Aquecimento global, uma verdade conveniente*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2007/05/21/295837236.asp>> Acesso em 29 jun 10.
7. IOSCHPE, Gustavo. *Educação de quem? Para quem?* Disponível em < http://veja.abril.com.br/160108/p_032.shtml> Acesso em 06 jun 10.
8. KANITZ, Stephen. *Um Castelo de Cartas que Desaba?* Disponível em < http://www.kanitz.com/veja/castelo_cartas.asp> Acesso em 29 jun 10.
9. _____. Brasileiro ou brasileiros. Disponível em <http://www.kanitz.com/veja/brasileiro_brasiliano.asp> Acesso em 29 jun 10.
10. *NANOTECNOLOGIA e tratamento de água: nova tecnologia, novas regras?* Disponível em <http://lqes.iqm.unicamp.br/canal_cientifico/pontos_vista/pontos_vista_artigos_opiniao10-2-1.html> Acesso em 29 jun 10.

11. *PAÍSES em desenvolvimento criam grupo de propriedade intelectual*. Disponível em <http://lqes.iqm.unicamp.br/canal_cientifico/pontos_vista/pontos_vista_artigos_opinioa108-1.html> Acesso em 29 jun 10.
12. PEREIRA, Michele Oliveira. *Nossas escolas não podem mais ser depósitos de crianças!* Disponível em <<http://recantodasletras.uol.com.br/ensaios/1212942>>. Acesso 09 jun 10.
13. SANTOS, Norma Brenda dos. *Ensaio sobre o multilateralismo: reflexões de um diplomata acadêmico*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142009000200024&script=sci_arttext. Acesso 09 jun 10.

Textos informais:

1. *BLOG Junior Mascote*. Disponível em: <<http://juniormascote.spaceblog.com.br>> Acesso em 09 jun 10.
2. *CACHORRO louco*: blog de humor, notícias e entretenimento. Disponível em: <<http://www.cachorrolouco.net/>> Acesso em 23 mai 10.
3. *OUTRO Blog da Mary*. Disponível em: <<http://www.outroblogdamary.com/>> Acesso em 09 jun 10.
4. *BLOG Kleber Sampaio*. Disponível em: <<http://klebersampaio18.blogspot.com/>> Acesso em 24 mai 10.
5. *BEH Gomes*. Disponível em: <<http://diariovirtualdabeh.blogspot.com/>> Acesso em 09 jun 10.

ABSTRACT: This article explores the use of verbal forms with existential meaning and if they follow what normative portuguese grammar prescribes. The theoretical basement includes literature on linguistic variation, traditional portuguese grammar and sociolinguistic. Was analyzed 22.500 tokens from formal texts and 22.500 tokens from informal texts, verifying the conditioning factors of the use of each verbal form with existential meaning and presenting the quantitative analysis of samples found. It can be concluded that the level of formality of language is the biggest conditioner choice between the two existential forms.

KEY-WORDS: Existential verbs; Formal texts; Informal texts.

Recebido no dia 05 de junho de 2011.

Aceito para publicação no dia 31 de julho de 2011.